



A ciência que sonha e o verso que investiga: o filosofar erótico de Olgária Matos

Aléxia Bretas

UFABC

RESUMO

Olgária Chain Féres Matos é professora titular aposentada pelo Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo e professora titular no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo. Sua trajetória tem início em fins dos anos 1960, quando ingressa como estudante na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, então situada à rua Maria Antonia. Rousseau, Marcuse, Adorno, Derrida e principalmente Walter Benjamin são algumas de suas referências filosóficas mais importantes, a partir das quais a filósofa compõe uma constelação de ideias animadas pelo afeto e pelo erótico. Tendo a utopia como bússola, o desvio como método e a astúcia como guia, seu esforço constantemente renovado é o de iluminar os clássicos com a potência do efêmero e o brilho questionador do extemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE

Olgária Matos; filosofar erótico; musa da filosofia; humanidades; Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo.

ABSTRACT

Olgária Chain Féres Matos is a retired professor at the Department of Philosophy at University of São Paulo and professor at the Department of Philosophy at Federal University of São Paulo. Her trajectory began in the late 1960s when she entered as a student at the Faculty of Philosophy, Sciences and Letters of the University of São Paulo, then located at Rua Maria Antonia. Rousseau, Marcuse, Adorno, Derrida and especially Walter Benjamin are some of her most important philosophical references, from which the philosopher composes a constellation of ideas animated by the affection and the erotic. With utopia as a compass, deviation as a method and cunning as a guide, her constantly renewed effort is to illuminate the classics with the power of the ephemeral and the questioning brilliance of the extemporary.

KEY WORDS

Olgária Matos; erotic philosophy; muse of philosophy; humanities; Department of Philosophy of University of São Paulo.

*Semelhante aos deuses me parece
o homem sentado na tua frente;
de perto ele ouve teu doce
falar,
teu apetecível riso; e dentro do peito
treme meu coração.
Pois basta olhar-te um instante e já
minha voz não soa,
a língua se me quebra; e logo
um fogo sutil me corre à flor da pele;
nada vejo com os olhos, zumbem
os ouvidos,
um suor frio me percorre, e o tremor
me toma toda, mais verde do que a erva
e sem força bem perto de morrer
pareço estar...
Mas tudo é de suportar,
pois nada posso...*

Safo de Lesbos, *Fragmentos completos*

Olgária Chain Feres (Matos) nasceu em Santiago, em 21 de junho de 1948, no dia mais curto do ano no hemisfério Sul – as noites longas são mais propícias aos poetas, aos amantes e aos sonhadores sob cujos auspícios a filósofa veio ao mundo, com as bênçãos da coruja de Minerva. Descendente de sírio-libaneses radicados no Chile, sua aura é tão marcante quanto o seu primeiro nome: Olgária. Cifra de singular beleza a designar – sem, contudo, decifrar – aquela que responde quando se chama por ele. Olgária, quem é ela? Esfinge barroca pintada por Remedios Varo; sereia atlântica cantada por Kazantzakis; Diotima benjaminiana exilada em São Paulo – metrópole infernal no auge da crise do capitalismo, há muito privado de seu último grande lírico, Charles Baudelaire. Leitora apaixonada de suas “flores doentias”, a filósofa saúda o *páthos* destruidor do poeta-alquimista para o qual o mal é belo, e o diabólico, sublime.

“Lesbos e Paris, Safo e *Les damnées*, a eternidade da beleza grega e a maquiagem moderna dão a compreender o presente – mundo a um só tempo sem Deus, mas tomado pelo terror divino. Pois não é uma das maiores astúcias do demônio fazer crer ‘que ele não existe?’” (Matos, 2005, p. 330) Surreal e anticartesiana, ela está sempre a nos surpreender, a colocar em suspenso nossas verdades pré-concebidas, apressadas, talvez demasiado definitivas, as quais sutilmente desfaz e, de novo, refaz com uma leveza e, por que não dizer, com um *charme* – no sentido mesmo de encanto ou de feitiço – e uma expertise toda sua. Tal Gala Gradiva – “aquela que

avança”¹ –, Olgária não segue caminhos já trilhados; antes, descobre – ou melhor, inventa – passagens, desvios, atalhos ou vertiginosos buracos de minhoca ali mesmo onde até então parecia haver nada além de um enorme – e intransponível – deserto de gelo – o mesmo que teríamos que atravessar para ir além das abstrações conceituais e chegar àquilo que Theodor W. Adorno se refere como “filosofar concreto.”² E, convenhamos, essa não é uma tarefa fácil.

Ainda que, ao escutar suas palavras, até pareça. Diante de seu magnetismo pessoal, chego a duvidar de Walter Benjamin, quando diz que a figura do narrador está extinta. Olgária é a própria encarnação do verbo profano, sendo uma *storyteller* vocacionada, inspirada e inspiradora como a própria “musa da filosofia.”³ Para aqueles e aquelas que já tiveram esta alegria e esta sorte, ouvi-la falar é uma festa. E também um grande desafio. Pois para acompanhar seu pensamento mercurial – ágil, veloz e ubíquo – é preciso calçar as sandálias aladas de Hermes e não ter medo de voos rasantes. Geminiana, com e contra a astrologia, ela pensa e se expressa com a velocidade de um lampejo, compondo com as palavras, qual aranha de Bourgeois, fios de inefável geometria tecidos como vias de acesso para peritos ou armadilhas fatais para incautos – sejam eles tolos ou simplesmente destituídos de recursos para acompanhar sua prosa sedutora, cativante e insubmissa.

Mas quem é ela, afinal? Madame Ariadne em um mundo desencantado pela técnica? Ptonisa délfica inflamada pelo haxixe dos paraísos intelectuais? Nadja paulistana perdida no labirinto florestal da cidade de pedra? Ela é múltipla, polifônica, inesgotável. Contraditória e gigante, ela contém multidões, como Walt Whitman⁴ – e, a seu modo, também Fernando Pessoa. Olgária ou Olgárias? “Meu nome é legião, porque somos muitos”⁵, diz Lúcifer – o Grande Vencido; seu igual, seu amante e seu irmão na revolta de todas as revoltas contra a onipotência do Patriarca Absoluto. Como diz Barthes (2007, p. 111) em seus fragmentos amorosos, “o demônio é plural.” Olgária, contudo, é invariavelmente olgariana: sempre ela e sempre outra. Permanentemente

¹ O nome Gradiva (do latim, “aquela que avança”) foi atribuído pelo escritor alemão Wilhelm Jensen, em 1903, à figura esculpida em um baixo-relevo romano, datado da primeira metade do século II, o qual representa uma mulher que dança, levantando a barra de seu traje. Tal figura foi interpretada por Sigmund Freud na obra *O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen*, de grande influência entre os surrealistas. Tanto que Salvador Dalí se apropriou do nome como um dos muitos epítetos associados à sua mulher e musa das musas, Gala Éluard Dalí. Também Roland Barthes faz alusão a ela como epítome do delírio do sujeito amoroso, no verbete “A Gradiva”, de seus *Fragmentos de um discurso amoroso*. Ver Freud, 2006; e Barthes, “A Gradiva”, 2007, p. 203-206.

² Adorno; Benjamin, 2012; e Bretas, 2013.

³ Epíteto atribuído à colega e amiga, com toda a justiça, por Massimo Canevacci (“Olgária, musa da filosofia”, em Pinheiro Machado, 2019).

⁴ “Contradigo-me? / Muito bem, contradigo-me, / (Sou enorme, contendo multidões)”. (Whitman, “Canto de mim mesmo”, 2015)

⁵ Marcos 5: 8.

em movimento, ela é demoníaca sim, mas pela via grega de um *daimon* socrático em trânsito ininterrupto entre o Olimpo da academia e o Tártaro do mundo da vida. Como Eros, Hermes Trismegisto e Angelus Silesius (1991) – o “peregrino querubínico” – sua natureza inquieta, nômade e viajante se sente acolhida em cada uma de suas derivas, errâncias e metamorfoses.⁶ Ela sabe que o caminho é a viagem, que o lar é onde está o coração e, por isso, está sempre bem acompanhada em seus *détournements* pelo espaço geográfico, pelo tempo histórico e, não raro, também pelos horizontes insondáveis do mito já quase submersos nas areias do esquecimento.

Desse modo, na Odisseia imaginária entre Troia e Ítaca, ela é o solerte Ulisses bravamente escudado por Aquiles e Ajax,⁷ mas também Circe, Calipso e Penélope, tecendo e destecendo a mortalha que a impede de dormir. Em combate, chora a morte de Pátroclo, o guerreiro aqueu, mas também a sorte de Heitor, o príncipe troiano. Com Cassandra, padece da incredulidade dos seus para, ao lado de Hécuba, viver a experiência lancinante do luto entre as ruínas de uma catástrofe em permanência. Mas vejamos: sob o signo de Saturno, sua melancolia se transmuta em meditação filosófica, depois em sabedoria prática e logo adiante em combustível para a ação política. Assim, ao contemplar de novo seus “olhos garços”, nossa heroína homérica já é outra. Agora, assumiu as feições severas de uma Atená impassível a debater com Dionísio o sentido do êxtase para a revolução⁸, porque sem ele não pode haver transformação verdadeira. Jamais! Pois, não obstante o rigor, Olgária é passional, exclamativa; seu discurso é arrebatador, flamejante. Ainda que não use – ou deixe usar – pontos de exclamação em textos filosóficos – sempre elegantes, bem redigidos e em conformidade com a justa medida. Em sua fala, assim como em sua escrita, Dionísio e Apolo dão-se as mãos e caminham juntos – assim como, segundo Nietzsche, haviam feito tão bem na tragédia antiga.

Fina conhecedora dos escritos olgarianos, Leda Tenório é exata ao destacar em seus ensaios o significado e a importância do cuidado com a forma filosófica, via de regra, tão vilipendiada pela prosa antiestética dos filósofos profissionais no manejo estéril de seus jargões da autenticidade: “Dir-se-ia que ali onde a Beleza foi injuriada – como resumiu Rimbaud – Olgária Matos a apanhou e a sentou no colo, continuando a revolta dos poetas malditos pela via contrária, a do culto do belo” (Tenório, 2019). Culto não do Belo Ideal, mas de um belo precário, anômalo, dissonante, carente ou excessivo, em todo caso, embebido no cotidiano da Utopia, nas coisas prematuras, atrasadas ou já fora de moda reveladas pelo olhar de Midas da filósofa-alegorista.

⁶ Ver Matos, 1999a.

⁷ Ver Matos, 1999b.

⁸ Ver Matos, 2008.

Desse modo, a beleza cultivada por ela não se situa nas alturas inalcançáveis de um Hiperurânio, senão nos lugares mais inusitados e comezinhos, normal e solenemente ignorados pelo escrutínio dos intelectuais de peso – seja entre as rugas e imperfeições da pessoa amada,⁹ seja no “farfalhar” de um vestido de tafetá vermelho ou nas abissais *Gemas da terra* (Milan; Matos, 2010). Ora, mas deixemos finalmente nossa sibila frankfurtiana se pronunciar. Pois, além de oradora cativante, seus talentos como escritora não são menos admiráveis. Assim que, entre os poucos deleites que o meio acadêmico vez ou outra nos concede sem parcimônia, está a leitura, a um só tempo instrutiva e prazerosa, de seus ensaios filosóficos.

HUMANAS, DEMASIADO HUMANAS

Em seu ensaio ‘Filosofia e mestres’, Adorno escreve sobre o exame de filosofia para o qual os alunos de cursos em Humanidades da Universidade de Hessen deviam apresentar-se: um aluno escolheu ser examinado sobre Bergson e Adorno lhe perguntou se ele poderia estabelecer uma interrelação do filósofo com alguns pintores seus contemporâneos, artistas que tivessem alguma afinidade com o espírito da filosofia bergsoniana. Adorno observa a perplexidade do aluno que queria falar só de Bergson, não conseguindo associá-lo ao impressionismo: “mas uma cultura viva”, observa Adorno, “consiste justamente em reconhecer relações tais como aquela dada entre a filosofia do *élan vital* e a pintura impressionista. Quem não entender isso tampouco entenderá Bergson” (Matos, 2001, p. 123-124). Ao lado de tantos outros “autores de inspiração” como Heráclito, Platão, Rousseau, Horkheimer, Benjamin e Derrida – “todos eles filósofos poetas” –, Adorno chama atenção para um ponto que se converterá em núcleo pulsante da trajetória de Olgária Matos: o sentido e a importância da cultura, das artes e das humanidades para uma formação filosófica não apenas técnica ou instrumental dentro de uma área específica do conhecimento, senão como aprendizado e exercício de humanização – até certo ponto, como a *paideia* dos gregos, a *humanitas* dos latinos e a *Bildung* dos alemães.

De onde os clássicos terem sido sempre tão importantes em sua *vida filosófica* – sim, vida e não apenas “obra”, “trabalho” ou mesmo “experiência”. Pois filosofar,

⁹ “Se é verdadeira uma teoria que diz que a sensação não se aninha na cabeça, que não sentimos uma janela, uma nuvem, uma árvore no cérebro, mas sim naquele lugar onde as vemos, assim também, ao olhar para a amada, estamos fora de nós. Aqui, porém, atormentadamente tensos e arrebatados. Ofuscada, a sensação esvoaça como um bando de pássaros no esplendor da mulher. E, assim como os pássaros buscam proteção nos folhosos esconderijos da árvore, refugiam-se as sensações nas sombrias rugas, nos gestos desgraciosos e nas modestas máculas do corpo amado, onde se acocoram em segurança, no esconderijo. E nenhum passante advinha que exatamente aqui, no imperfeito, censurável, aninha-se a emoção amorosa, rápida como uma seta, do adorador”. Benjamin, 1995, p. 18.

para a autora, é não apenas uma profissão, um ofício ou um anódino meio de sobrevivência, senão também uma escrita de si, criadora e performativa. “Inventores da palavra filosofia, os gregos não teriam se enganado: se é preciso pensar bem é para viver melhor. Busca da justa vida e do bem viver, questões tornadas incongruentes na modernidade científica, tecnológica e contra-humanista” (Matos, 2006, p. 36). Assim, em sua atuação filosófica dentro e fora da academia, docência, pesquisa e extensão compõem os três vértices de uma formação verdadeiramente comprometida com a tarefa de cultivo e de educação do espírito como prática de humanização.

Paideia, formação do espírito, humanismo. Paideia é o respeito pelos valores morais e “aquela graciosa mistura de erudição e civilidade que só podemos circunscrever com a palavra, já muito desacreditada, cultura”. Foi Cícero quem criou a palavra *humanitas* para falar do povo romano que alcançou sua identidade através do cultivo das letras e da filosofia grega, tornando-se, através dela, “fino, morigerado e *humanus*”. Na Idade Média, a humanidade era algo que se opunha à divindade. A ela, pois associavam-se a fragilidade e a transitoriedade: *humanitas fragilis*, *humanitas caduca*. Panofsky chama a atenção para a ambiguidade da *humanitas* (no sentido romano e cristão) e o significado, que daí resulta, para o Renascimento, de responsabilidade e tolerância. (Matos, 2006, p. 39-40)

Embora parta de uma ideia de civilização profundamente enraizada no solo cultural do Ocidente – isto é, herdeira de uma dupla ascendência, a greco-romana e a judaico-cristã –, Olgária não se furta a valorizar e a acolher intersecções também com outros repertórios, tradições e histórias. Se assim não fosse, ela não teria aceitado a grande honra de coordenar a Cátedra Edward Saïd de Estudos da Contemporaneidade, inaugurada pelo Instituto da Cultura Árabe junto à Universidade Federal de São Paulo, em 2014. De origem palestina, Saïd se celebrizaria como um eloquente defensor da figura do intelectual público orientado por princípios éticos e valores democráticos, que não excluam ou depreciem como “bárbaras”, “inferiores” ou “subalternas” às contribuições das culturas não ocidentais, de ascendência árabe-mulçumana, mas também ameríndia, africana ou afrodiáspórica.

Assim, a “atitude humanista” de que nos fala Olgária começa a ganhar corpo pela escuta sensível dos “ecos das vozes emudecidas” do outro – em sua irreduzível heterogeneidade. Não podendo ser adquirida nem como um patrimônio imaterial, nem como um signo de *status*, ela é indissociável de uma consideração equânime pela vida não apenas de todos os seres humanos, senão também de cada ser sensível privado de palavra – incluindo aqui os animais. Ao tratar da violência da guerra – seja a da Guerra de Troia, seja a da segunda guerra mundial –, a filósofa distingue a violência antiga da moderna à luz do primado da técnica na origem dos traumas

que deixaram mudos os soldados que voltaram das trincheiras. Contudo, enquanto o próprio Benjamin chegara a defender o que chamou de “violência revolucionária” – ou “divina” – no controvertido ensaio sobre “A crítica da violência” de 1921, Olgária assume um posicionamento expressamente humanista, antiespecista e não violento. Lendo Gandhi com Simone Weil e Lyotard, a filósofa explicita seus argumentos em prol do cuidado pelos animais como lição de humanidade:

Para Gandhi, é preciso atenção com os animais aos quais se deve afeição, uma exigência de humanidade que requer uma revolução cultural. Nesse sentido, a deferência à “vaca sagrada” simboliza o apreço a todo ser sensível privado de palavra. Refletindo sobre a condição animal, Lyotard, por sua vez, observa: “Porque o animal está privado de testemunhar o dano que sofre, todo dano é uma injustiça que faz dele uma vítima ipso facto. Pois, se não há como testemunhar, não há sequer dano, ou pelo menos ele não pode ser estabelecido. – Eis por que o animal é o paradigma da vítima”. (Matos, 2019)

Em todo caso, devido à sua “fama” ou “sobrevida” (*Überleben*) (Benjamin, 2011, p. 104-105), Olgária sugere que o Humanismo foi menos um movimento, do que uma visão de mundo (*Weltanschauung*) – por sinal, em franca oposição ao novo *ethos* das massas que se encorpa e se espraia por todas as partes sob os augúrios da indústria cultural. Reportando-se a Adorno, a filósofa destaca a glosa às *Magna Moralia* de Aristóteles pela perspectiva negativa de suas *Minima Moralia: reflexões sobre a vida lesada*:

Mundo de mínimas morais, a atualidade testemunha a crise espiritual das sociedades contemporâneas e a racionalidade fundada no valor de troca: este mundo não é propriamente humano, mas o do Capital. O mercado é o agente subordinador de todas as esferas da vida ao fator econômico. E a indústria cultural é a expressão mais patente da insolvência da educação formadora (*Bildung*) sob o impacto de valores empresariais, da competição, do lucro e do sucesso. Para tratar da educação entendida como mercadoria e impregnada pelos valores próprios à administração total, Adorno cunha o conceito *Halbbildung* – que pode ser entendido, a um só tempo, como semiformação e pseudocultura – com o que reflete sobre a educação na sociedade de consumo. (Matos, 2019, p. 40)

Portanto, contra a monetização da educação e sua liquidação como “semiformação” e “pseudocultura”, Olgária confirma sua adesão a uma Teoria Crítica atenta aos perigos, ameaças e contradições do presente, mas também às suas chances de resistência, enfrentamento e superação. Nas palavras de Leda Tenório:

De fato, enquanto herdeira que é da fina inteligência egressa do Instituto de Pesquisa Social, a filósofa não cessa de remeter infinitamente a questão da vida danificada às réplicas que lhe fizeram os escritores e os poetas. De tal sorte que se pode arriscar dizer que sua forma mais pertinente de se apropriar da herança é tomá-la pelo lado do sublime benjaminiano. Isto é: responder à catástrofe

com linguagem e pensamento, à historicidade trágica, com as forças da criação. (Tenório, 2019)

Nesse sentido, ela é clássica, mas também irredutivelmente contemporânea – ou melhor, “extemporânea”. Assim como a sensibilidade moderna de Baudelaire estava embebida na antiguidade grega, a filósofa se reporta aos clássicos para resgatar as reminiscências do que foi reificado e, portanto, esquecido por uma cultura amnésica privada de aura, testemunho ou experiência histórica (*Erfahrung*). Como Nietzsche e Walter Benjamin, ela é também – ativa e insistentemente – “intempestiva”, uma vez que a crítica ao *Zeitgeist* não é possível para aqueles que aderem totalmente a ele.

É, portanto, neste sentido que, em sua *Segunda consideração intempestiva*, de 1874, Nietzsche afirma a importância de um pensamento que assume seu desencaixe com o próprio tempo, a fim de manter uma distância justa – necessária tanto para a crítica, quanto para a criação ou atualização da “força plástica” de uma cultura. Ainda nessa obra de juventude, aquilo que o autor postula em relação à sua profissão de filólogo é válido *mutatis mutandis* para pensar sobre o lugar e a finalidade da filosofia nos dias atuais: “não saberia que sentido teria a filologia clássica em nossa época senão o de atuar nela de maneira intempestiva – ou seja, contra o tempo, e com isso, no tempo e, esperemos, em favor de um tempo vindouro.” (Nietzsche, 2003, p. 7)

Em sua leitura benjaminiana de Nietzsche, Giorgio Agamben resume nos seguintes termos a dialética entre o contemporâneo e o extemporâneo, tão condicionante de sua própria experiência filosófica: “A contemporaneidade é, portanto, uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este, e ao mesmo tempo toma distância; mais precisamente esta é a relação com o tempo através de uma dissociação e de um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com uma época, em todos os aspectos, não são contemporâneos, porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter o olhar fixo sobre ela.” (Agamben, 2009, p. 59)

PALÍNDROMOS DA HISTÓRIA

Contemporâneo e intempestivo, o último livro de Olgária Matos recebe, com a maestria que lhe é peculiar, um título bastante instigante: *Palíndromos filosóficos: entre mito e história*. Ao que tudo indica, a inspiração vem de um filme de Guy Debord rodado em 1978, cujo nome, grafado em latim medieval, é ele próprio um palíndromo pensado como um enigma ou um jogo de adivinhação: *In Girum imus et consumimur igni* – ao pé da letra, “nós giramos pela noite e somos consumidas pelo fogo”.¹⁰ Assim como os vocábulos ou frases que podem ser lidas, sem modificação ou prejuízo de

¹⁰ A resposta do enigma: as mariposas.

significado, da esquerda para a direita ou vice-versa, os capítulos deste livro multidimensional podem ser apreciados na sequência preferida por seus leitores. Sem um encadeamento fixo e pré-estabelecido de antemão, seus ensaios foram originalmente concebidos como palestras ou conferências e apresentadas em congressos e seminários entre 2011 e 2017.¹¹ Conforme a leitura de seus textos confirma, o espaço de jogo (*Spielraum*) que emerge da prosa filosófica da autora, o ir e vir, sempre em mão dupla, do eterno ao efêmero, do mito à história, da arte à vida, “é estilema, traço de estilo. Eis como entender o palíndromo, bela figura poética da dupla direção do sentido, no título dessas novas benjaminianas” (Tenório, 2019).

Aludindo à obra *Benjaminianas*, de 2010, Leda Tenório aponta uma característica sem dúvida distintiva e fundamental na prática discursiva de Olgária. Não obstante, o recurso ao palíndromo implica, além disso, algo talvez ainda mais decisivo em seu modo de filosofar: o gesto, a um só tempo lúdico e irreverente, de criar perspectivas ou vetores de sentido usualmente proscritos de uma ordem unilateral, quantitativa e sempre idêntica sobre a qual se assenta a espaço-temporalidade progressiva, vazia e desencantada das cronologias, calendários e relógios. De acordo com “a mais benjaminiana das pensadoras”: “o palíndromo [...] é um contradiscurso à continuidade da alienação. Reversível, o fim e o início [...] não coincidem nunca, cada acontecimento é o primeiro e o último na álgebra do tempo” (Matos, 2018, p. 202).

Como em “O jardim dos caminhos que se bifurcam”, de J. L. Borges, suas narrativas abrem janelas para paisagens complexas, multiformes e dispostas em camadas – assim como os quatro níveis de leitura da Cabala¹² ou o próprio tecido quântico do espaço-tempo. Não por acaso, vários dos capítulos dos *Palíndromos* tratam, de um modo ou de outro, deste, nas palavras de Caetano Veloso, “senhor tão bonito”, “compositor de destinos”, “tambor de todos os ritmos”, “tempo, tempo, tempo” – seja na figura de Cronos ou na de Kairós.¹³ Contra a temporalidade hegemônica de uma sociedade espetacular-mercantil para a qual *time is money*, Olgária segue, a contrapelo dos cronômetros, em busca da reabilitação de uma experiência em vias de extinção na era pós-aurática do capitalismo artista: a arte de “viver sem horas mortas”.

¹¹ Dentre os quais se destacam aqueles promovidos por Aduino de Novaes, e boa parte dos quais disponibilizados no site Artepensamento. Disponível em: <https://artepensamento.com.br>. Acesso em: 24/1/2010.

¹² Segundo o misticismo judaico, existem quatro dimensões ou níveis de interpretação da Torá. São eles: 1) *Pshat*, o sentido literal; 2) *Remez*, o significado alegórico; 3) *Drash*, a interpretação erudita; 4) *Sod*, o “segredo” ou o significado místico, acessível apenas a exegetas, rabinos e estudiosos esotéricos da Cabala.

¹³ Vide os títulos dos seguintes capítulos, em especial: “A Guerra de Troia não acontecerá: *pathos* antigo e tecnologia moderna”; “Pórticos e passagens: contratempo e história”; “Dialética em suspensão: da *mens momentanea* à imobilidade do instante”; “Exílios: a metafísica da saudade”; “Guy Debord: *theatrum mundi* e os palíndromos do tempo”; “Em busca da delicadeza perdida: Proust e a Belle Époque” (Matos, 2018).

Este, a propósito, seria um dos muitíssimos *slogans* que deixariam as oficinas, os ateliês e as universidades para ocupar os muros e as ruas parisienses no famoso Maio de 68 – um dos eventos mais emblemáticos do crescente protagonismo assumido pelos estudantes em uma revolução total por modos de vida mais vivíveis. Não é, pois, fortuito, que Herbert Marcuse tenha sido um dos primeiros filósofos a se juntar ao clamor dos “jovens em cólera” por um “princípio de realidade” calcado não no desempenho do trabalho alienado, senão na beleza, no prazer e na vida compartilhada como pedras angulares de uma civilização não repressiva e erótica.¹⁴ Nas palavras de Olgária, “o Maio de 68 convidava a poetizar a existência, revolucionando o cotidiano, realizando a arte nas ruas e o urbanismo lúdico para si mesmo e para todos, a partir da crítica da sociedade fundada na difusão e colonização de nossas mentes pela publicidade e pelo consumo.

Advertia o mundo unidimensional na uniformidade dos sonhos e dos desejos – ao que respondia com o lema ‘tome seus desejos por realidade, e crie-a na realidade de seus desejos’” (Matos, “Tardes de maio”, 2006, p. 137). Apesar do fartamente celebrado legado da “Comuna estudantil”,¹⁵ aquilo que viria a singularizar o “Evento 68” seria não tanto suas consequências, senão o caráter espontâneo, suprapartidário e festivo com que foi percebido o esgotamento do sistema capitalista enquanto modo de produção – de bens e de mercadorias, mas também de vivências e de subjetividades. Em meio a este movimento essencialmente disruptivo de mobilização do jogo e da sensibilidade como potência política, percebeu-se a urgência de uma transformação radical nas estruturas, valores e experiências sensíveis, em condições tornar efetivo, inclusive materialmente, um emprego do tempo mais condizente com as potencialidades e anseios humanos, para além de resultados instrumentais tidos como satisfatórios de acordo com critérios econômicos, exclusivamente.

Lendo os *Manuscritos* de Marx, com Rimbaud e com Debord, chegava-se, de novo, à conclusão: a transformação de todos os sentidos humanos é a razão de ser da revolução.¹⁶ Malgrado o reiterado elogio à celebração do lúdico e do onírico

¹⁴ No *Ensaio sobre a Liberação*, o então proclamado “guru da *New Left*” constata: “Os grafites da ‘*jeunesse en colère*’ uniram Karl Marx e André Breton; o *slogan* ‘*l’imagination au pouvoir*’ respondia a ‘*les comités partout*’; um pianista tocava jazz sobre as barricadas, e a bandeira vermelha ornava a estátua de Victor Hugo; os estudantes de Toulouse em greve pediam o renascimento da linguagem dos trovadores e dos albigenses. A nova sensibilidade tornou-se força política, ultrapassando as fronteiras entre os blocos capitalista e socialista; ela é contagiosa porque o vírus se encontra no próprio meio ambiente, no clima das sociedades estabelecidas.” (Marcuse, 2000, p. 22).

¹⁵ A despeito das controvérsias, o “Maio de 68” é celebrado, efusivamente, a cada dez anos: 1978. 1988. 1998. 2008. 2018. Nesse caso, é preciso lembrar, com Olgária Matos, que “comemorar significa: dar vida, nascer de novo em cada aniversário, sendo ocasião para reinterrogar acontecimentos. Compreendê-los sem ceder à facilidade de explicações definitivas é acolher sua surpresa, pois toda revolução ancora-se no contingente”. (Matos, “Tardes de maio”, 2006, p. 135).

¹⁶ Ver Bretas, 2013.

como elo social decretado por um “Estado de surpresa”, a filósofa alerta para seus limites e desdobramentos políticos: “Quando os muros da cidade tomaram a palavra, suas inscrições recusavam a sociedade da opulência e a pobreza espiritual das modernas democracias – cujo descompasso é preenchido pela tecnocracia e seus correlatos. [...] Afastando-se desta lógica – a do mercado e da circulação das mercadorias –, tal recusa transforma-se em metáfora ao questionar a ética taylorista do trabalho, o valor do sacrifício e a racionalidade tecnocientífica que a sustenta. Evidenciava o que estava por vir: o mercado mundial na forma neoliberal e a globalização” (Matos, “Tardes de maio”, 2006).

Enquanto isso, no Brasil... o clima de protesto era bem outro. Estávamos em plenos “anos de chumbo” – que, para Olgária, foram também, entre 1967 e 1970, “anos de formação”. Nas palavras do marcusiano Silvio Carneiro: “E que período! Para o biógrafo que escreve anos depois sobre aquele tempo, é fácil descrever as experiências daquela geração como o olho do furacão de mudanças. Mudanças políticas para quem iniciou sua formação na paulistana Rua Maria Antônia; mudanças teóricas, para quem percebe as transformações radicais que a ditadura militar inflige sobre o currículo acadêmico” (Carneiro, 2018).

Vejamos as efemérides locais: em abril de 68, o Conselho Federal de Educação propõe o início de uma “reforma universitária” seguindo as diretrizes do Acordo MEC-USAID. Os estudantes contestam: “Fora a universidade elitista e de classe! Pela universidade crítica, livre e aberta!”. Em maio de 1968, o Marechal Castelo Branco inicia uma cruzada junto ao MEC contra uma “minoría esquerdista e instruída” que estaria dominando a União Nacional dos Estudantes. A reação dos jovens é imediata, culminando na criação da Universidade crítica em diversas cidades do país: seminários, mesas-redondas, palestras, cursos e grupos de estudo leem Marx com Sartre e Marcuse ao som de *É proibido proibir*. Em retrospecto, Marilena Chauí vislumbra ali uma ética libertária em processo de fermentação: “Pensar e viver, subitamente reconciliados numa ética libertária, fazem da universidade um espaço livre para uma experiência sem precedentes: suas paredes se tornam vitrais, ganham transparência para receber a luz vinda de longe e emitir lampejos do que imaginava ir além do possível, cumprindo a marcha do tempo: ‘Sejamos realistas, peçamos o impossível’” (Chauí, 2018, p. 218-219).

Pois é, não deu. Em junho de 1968, acontece a “Sexta-feira sangrenta”, quando 28 manifestantes foram mortos na batalha da UNE, e em seguida enlutados e chorados pela Passeata dos 100 Mil. Outubro de 1968: a “batalha da Maria Antônia” deixa um morto e o prédio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

da USP em chamas.¹⁷ Não obstante a truculência desmedida da reação policial, “as consequências deste episódio não se limitam apenas à violência física. Desde então, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas seria um dos principais alvos do governo ditatorial, que interviria na própria estrutura curricular dos departamentos uspianos, ressaltando cada vez mais a figura do especialista, em detrimento da formação humanista que até então era privilegiada” (Carneiro, 2018).

Essa modificação estrutural foi percebida, desde o início, como um risco e uma perda indelével do ponto de vista das ciências humanas. Na medida em que critérios instrumentais passam a ser utilizados para avaliar e quantificar os conteúdos e os resultados da formação escolar – e universitária, em particular – tende-se a negligenciar os valores e os fins que deveriam pautar seus conteúdos, seus currículos e seus programas de ensino, impactando não apenas professores e alunos, mas a sociedade em seu conjunto. Ciente disso, e empenhada em restituir o discurso filosófico ao espaço público, Olgária, desde muito cedo, procurou ultrapassar a soleira dos gabinetes universitários para se comunicar com as mais diversas plateias, exercendo seu ofício, teórica e praticamente, como atividade crítica, dialógica e aberta ao debate sobre as inquietações que nos afetam e nos tocam enquanto seres sensíveis, sociáveis e políticos. Carneiro ressalta o compromisso da filósofa com a vocação formativa das humanidades, chamando atenção para seu papel tanto dentro quanto fora das salas de aula, seja como professora, seja como pesquisadora e/ou intelectual pública envolvida com as questões sociais. “Olgária Matos é a teórica das ciências humanas que procura estabelecer uma pauta de discussão para a sociedade. Neste sentido, faz com que os conceitos circulem, de modo que se tornem vivas as críticas sociais nos momentos mais sensíveis que necessitam de resgate do pensamento (como a banalização da violência, as perversões de uma sociedade de mercado, os significados utópicos dos movimentos sociais)” (Carneiro, 2018).

¹⁷ “Quem hoje passa pela Rua Maria Antônia, e nota o Centro Cultural Maria Antônia rodeado por barzinhos por todos os lados, não imagina que, em 1968, este ambiente boêmio teria sido o palco da ‘Batalha da Maria Antônia’ – um momento sintomático das tensões do país em ebulição. Naqueles anos, Olgária Matos estudava autores clássicos da Filosofia em meio aos protestos estudantis contra a ditadura militar no Brasil. A mudança ocorreria quando, em outubro de 1968, estudantes (ligados à União Estadual dos Estudantes) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, situada naquele período na Rua Maria Antônia, que protestavam contra a ditadura militar, sofreram retaliações dos estudantes da Universidade Mackenzie (muitos deles ligados à FAC – Frente Anticomunista – e ao MAC – Movimento Anticomunista). A divergência de opiniões levou à morte de um estudante da USP, e a reação foi a batalha armada entre os dois polos, que culminou no incêndio do prédio da Filosofia” (Carneiro, 2018).

AS NOVE MUSAS DA FILOSOFIA

Nesse sentido, em 6 de setembro de 2019, no II Encontro do GT de Filosofia e Gênero da ANPOF¹⁸, num gesto de sororidade e de reconhecimento não apenas pela carreira, senão também pela história e pelas estórias¹⁹ das professoras do Departamento de Filosofia da FFLCH-USP, Olgária Matos chama atenção para a “felicidade de ter tido uma experiência erótica desde o início”.²⁰ Ao relembrar seus primeiros anos como estudante de filosofia neste Departamento, ela destaca as experiências estético-sensuais proporcionadas pelas aulas, em especial, de três grandes mestras e musas filosóficas: as professoras Maria Sylvia de Carvalho Franco, Gilda de Mello e Souza e a então jovem ingressante no corpo docente desta instituição, Marilena Chauí.

Em entrevista a Claudine Haroche, publicada no dossiê *Filosofia e Philia: homenagem à Olgária Matos, arcana do inteiramente outro*, a filósofa reconstitui a genealogia desse dom e desse amor pela filosofia:

O “Eros” filosófico chegou a mim com a professora cujo encantamento foi absoluto, com a professora Marilena Chauí que, muito jovem, já se destacava no departamento de Filosofia por seu rigor nas aulas expositivas temáticas, pela erudição dos seminários em história da Filosofia e pela dedicação devotada na leitura, correções, sugestões e modelo de análise de textos para fundamentação das leituras que fazíamos, em particular de Maurice Merleau-Ponty, Sartre, Espinosa, Diderot, mas também dos trágicos gregos, como Ésquilo e seu *Prometeu acorrentado*, em curso sobre história da Razão. Assim, a Filosofia veio a mim como um dom e como Eros, sem o qual não poderia haver idealização e desejo de conhecer (Haroche, In: Pinheiro Machado, 2019, p. 267-272).

Em seu segundo ano como estudante de filosofia, ainda em 1968, Olgária relembra o impacto causado por uma aula em particular de Gilda de Mello e Souza – aula da qual nunca mais se esqueceria. Projetada na parede, a imagem de um quadro de Corot com uma mulher trajando um vestido de tafetá vermelho só não lhe causaria maior estupor que a fala de Dona Gilda sobre ele. Aficionada pelas artes e pioneira dos estudos de moda no Brasil, a professora lançaria à classe um eloquente convite: “Ouçam o farfalhar desse vermelho!”. Segundo sua jovem aluna, foi com a autora

¹⁸ Coordenado por Silvana de Souza Ramos, o II Encontro do GT de Filosofia e Gênero da ANPOF foi realizado na FFLCH-USP, entre os dias 4 e 6 de setembro de 2019. O evento de encerramento do Encontro contou com a presença de nove das treze professoras que fizeram parte do Departamento de Filosofia desta instituição, desde sua fundação em 1934. São elas: Andréa Loparic, Maria das Graças de Souza, Silvana Ramos, Scarlett Marton, Olgária Matos, Maria Lúcia Cacciola, Tessa Moura Lacerda, Otília Arantes e Marilena Chauí. O vídeo com a transmissão on-line da Homenagem às professoras de Filosofia do Departamento de Filosofia da USP encontra-se integralmente disponível no YouTube: <https://youtu.be/l5ZG7FXlkWY>. Acesso em: 15/01/2020.

¹⁹ Ver Hemmings, 2011.

²⁰ Ver o vídeo no Youtube: <https://youtu.be/l5ZG7FXlkWY>. Acesso em: 15/1/2020.

da intempestiva tese doutoral *O espírito das roupas: a moda no século XIX* que ela teria aprendido não apenas a ver, senão também a ouvir, tocar e ser tocada *filosoficamente* por seus objetos de estudo.²¹

Assim, sua iniciação nas técnicas de análise e leitura – sensível e formal – das obras canônicas se deu por meio de um irresistível convite à *sinestesia* – aparentado à busca de Rimbaud por um “verbo poético acessível a todos os sentidos”²² e, na chave das vanguardas artísticas, às pesquisas em torno da expressão em *A sonoridade amarela: uma composição cênica*, de Kandinsky, nominalmente dedicada a Schönberg (Schwartz, 2013, p. 209-235).

Desde o início, portanto, a experiência metódica, árdua e séria da filosofia passou, como queriam Schiller e Marcuse, pela via dos sentidos e da sensibilidade (*Sinnlichkeit*). Em um famoso tratado de estética do século X, *Do sublime*, Longino comenta nesses termos o poema de Safo, não por acaso traduzido na epígrafe deste capítulo: “Não é espantoso como convoca ao mesmo tempo a alma e o corpo, os ouvidos e a língua, os olhos e a pele, como se todas estas partes lhe fossem estranhas e estivessem perdidas? E como, em movimentos contrários, sente frio e calor ao mesmo tempo, sai da razão e mostra sensatez – pois ora tem medo ora está perto de morrer – de tal forma que nela se manifesta não apenas uma emoção mas o encontro de várias emoções? Tudo isto acontece a quem ama, mas, como dizia, foi a escolha dos elementos mais extremos e a sua ligação numa unidade que alcançou a excelência. É precisamente isto, julgo eu, que faz o Poeta na descrição de tempestades: daquilo que lhes é próprio, escolhe os aspectos mais terríveis” (Dionísio Longino, 2015). Assim, o sublime, “espantoso”²³ e tempestuoso filosofar olgariano se encontra, desde os tempos aurorais, em flagrante contraste com o modo árido, insípido e monocórdio com o qual os decanos do curso se ocupavam em ler e ensinar filosofia, em fins dos anos 1960.²⁴

²¹ A tese doutoral foi defendida nos anos 1950, mas publicada, extemporaneamente, apenas em 1987! (Souza, 2019).

²² “Inventei a cor das vogais! – A negro, E branco, I vermelho, A azul, U verdade. – Regulei a forma e o movimento de cada consoante e, com ritmos instintivos, nutri a esperança de inventar um verbo poético que seria um dia acessível a todos os sentidos. Eu me reservava sua tradução.

Foi, antes, simples estudo. Eu escrevia silêncios, noites, anotava o inexprimível. Fixava vertigens”. (Rimbaud, 1993, p. 63-64).

²³ “O espanto é, enquanto *páthos*, a *arkhé* da filosofia”. Aristóteles diz o mesmo (*Metafísica*, I, 2, 982b12 ss.): “Pelo espanto os homens chegam agora e chegaram antigamente à origem imperante do filosofar (àquilo de onde nasce o filosofar e que constantemente determina sua marcha)” (Heidegger, 1980, p. 21).

²⁴ Não por acaso, figuras brilhantes e cultivadamente “marginais” como Otilia Arantes, ex-orientanda de Gilda de Mello e Souza, nunca se identificaram com o modo pelo qual a estética era concebida e ensinada aos alunos – e, em nome da própria estética, acabaram se afastando do departamento.

AFINIDADES AFETIVAS

Enquanto o “diálogo” entre Sócrates e seus discípulos é modelo para o filosofar acadêmico, Olgária Matos segue um outro exemplo: o da “conversação” entre Safo e suas amigas. Desse modo, a via de mão dupla aberta entre quem fala e quem escuta estabelece um jogo de reciprocidade indissociável da *philia* pela qual a professora é querida e admirada tanto por colegas quanto por alunos/as e orientandos/as das mais diversas gerações. Em um artigo sobre Eros e o feminino – dois elementos considerados como extrínsecos ou mesmo antagonísticos à tradição canônica da filosofia e sobre os quais a própria filósofa já chegou a dedicar alguns estudos²⁵ –, Diego Ramos avalia: “A disposição crítica e atenta de Olgária, bem como seu espírito generoso, aberto às mais diversas fontes, compõem um olhar penetrante e uma escuta prodigiosa” – qualidade bastante rara no meio acadêmico, onde a objetividade científica tende a minar o solo fértil das interações intersubjetivas, fundamental para que suas sementes floresçam e deem frutos.

Afinal, saber é também sabor, como ensina Roland Barthes. A contrapelo de uma vetusta tradição ascética, a relação entre Olgária e seus alunos se deu – e se dá! – sob os auspícios de Eros, agraciada pela presença de Calíope e embalada pela lira de Orfeu. Daí “a música, a poesia, a literatura, as artes plásticas e a atenção às dimensões não-conscientes ou intencionais da linguagem também serem expedientes de que a pensadora dispõe em benefício da criação filosófica, além de todo o instrumental clássico” (Ramos, In: Pinheiro Machado, 2019, p. 202-219).

Assim, se o próprio sentido originário do termo “filosofia” brota da fonte do amor à sabedoria, sua prática se converte em exercício virtuoso de um vínculo sensível prenhe de consequências nem sempre previsíveis. Ao descrever o percurso que antecede seu encontro com Olgária – não raro em companhia de Benjamin, Proust e Goethe –, Vinícius Canhoto pondera:

Vou em busca da delicadeza perdida no mundo desencantado, em busca da *philia* pelas páginas dos livros grifados à caneta, do cuidado de si, dos seus e da *polis*. Reencontro-me com a *Bildung und Kultur* que marcaram meus anos de aprendizado e formação. Frases geniais e aforismos encantadores ditos de forma livre e espontânea como uma *jam session* filosófica, que dispensa qualquer partitura, que eu quero anotar, porém faltam-me folhas, canetas e velocidade o suficiente para registrar toda a fortuna crítica que é narrada de improviso. Sei que a memória irá me trair nos pormenores como os fios desfeitos do tear de Penélope, que *madeleine* alguma trará de volta o tempo redescoberto na pequena ética dos costumes, no *esprit de finesse* que se traduz em

²⁵ Ver Matos, 2006, p. 177-202.

erudição e generosidade, gentileza e delicadeza. (Canhoto, In: Pinheiro Machado, 2019, p. 257-259)

Já Daniel Sampaio tece loas à amizade filosófica cultivada, ao longo de dez anos, tanto na estufa do *óikos*, quanto no campo aberto da *ágora*: “A amizade é sempre um lugar para morar, um modo de organizar o caos, uma forma de imitar o divino, mesmo perdido. Nas palavras da professora, é ‘um valor de puro afeto, possibilidade do amor social e político, lei essencial e elementar da sociabilidade, do respeito recíproco em um mundo compartilhado’” (Sampaio, In: Pinheiro Machado, 2019, p. 260-263). Por último, mas não menos importante, Michel Amary ressalta o sentido filosófico e político da *philia* enquanto experiência produtiva e transformadora de nossas próprias condições de vida, especialmente em períodos de exceção: “Na urgência deste tempo, Olgária se mostra importante não apenas como a luz que clareia o entendimento do presente, mas como um feixe de esperança para esses tempos sombrios; em posse desse diagnóstico crítico e pessimista sobre a modernidade, a filosofia de Olgária não deixa de reforçar pela *philia* a importância da vivência política e democrática para o presente” (Amary, In: Pinheiro Machado, 2019, p. 225-244).

Conforme se percebe pelo tom e pela voz de suas próprias testemunhas, filosofar e, sobretudo, aprender a filosofar com esta professora titular em Teoria das Ciências Humanas tem sempre muito a nos ensinar sobre a condição humana e a quase esquecida arte do bem viver. Fato que não passa despercebido ao colega e amigo Renato Janine Ribeiro. Ao assumir a satisfação de fazer parte de seu círculo virtuoso de interlocutores, envolvidos, amigavelmente, em animados dissensos afetivos, há pelo menos cinquenta anos, ele observa: “Olgária Matos dedica sua vida a pensar a vida. Desde seus primeiros trabalhos, o que falou e escreveu constitui uma longa reflexão, por vezes um forte diálogo com inúmeros interlocutores, entre os quais me orgulho de ter sido incluído não poucas vezes, sobre as formas de vida, suas mudanças, seus riscos” (Ribeiro, In: Pinheiro Machado, 2019, p. 251-256). O filósofo lembra seus tempos de “Mésos” du Brésil, em Paris, enfatizando o sentido da sensibilidade e dos sentimentos nos primórdios da vida acadêmica da jovem pesquisadora, no início dos anos 1970, interessada nas origens da desigualdade em Rousseau – tema que será recorrente em sua trajetória filosófica, ainda que desde os anos 1980, fortemente influenciada pelo legado contemporâneo da Escola de Frankfurt.²⁶

²⁶ Ver a tese de doutoramento de Olgária Matos, vencedora do prêmio Jabuti de Ciências Humanas em 1990: Matos, 1989; além de sua tese de livre docência defendida em 1999: Matos, 1999.

Em todo caso, no começo estava Rousseau. Por que logo ele? “Porque para Olgária, e esse é um ponto que muito nos aproxima, o afeto é fundamental. Não apenas porque ela seja uma das pessoas mais afetuosas que conheço, cativante mesmo sem o querer, com uma *nonchalance*, uma naturalidade invejáveis: mas porque esse pensador, a quem chamo um dos filósofos malditos da modernidade [...], jamais deixa de lado o papel dos sentimentos na vida” (Ribeiro, In: Pinheiro Machado, 2019, p. 251-256). Ao lidar com temas e problemas tidos como secundários, periféricos ou apenas lateralmente significativos para o cânone filosófico, o pensador genebrino, segundo Ribeiro, faria parte de um grupo de autores “menores” que tiveram a má sorte de se dedicar à ética, à política e/ou à estética, isto é, a áreas afins para as quais a discussão acerca do humano – inclusive em suas intersecções de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e colonialidade – é condição fundamental.

Contra a desvalorização do que se refere como “segundo escalão” da filosofia, Renato Janine observa: “Nos cursos de filosofia, estudam-se os grandes pensadores do conhecimento e do ser, exilando-se para as estradas menos trilhadas [...] os que trataram da ação, individual ou coletiva, dos sentimentos a prevalecer sobre a razão, daquilo que a sensibilidade produz ou que a afeta. Mas é a esse segundo escalão que Olgária consagra a maior parte de sua reflexão”. Chamando atenção para o sentido da dissonância e da interdisciplinaridade em sua atuação intelectual, ele pondera: “Não é fortuito que os amigos da Psicologia gostem tanto de ouvi-la: sua voz dissonante em relação aos tempos presentes é sempre um convite ao pensamento, em especial sobre o ainda, talvez sempre, iniciante conhecimento do ser humano” (Ribeiro, In: Pinheiro Machado, 2019, p. 251-256). Entre tais fiéis interlocutores e “vizinhos” nas humanidades, está Maria Inês Assumpção Fernandes, colega da psicologia por longas décadas, a constatar o encaixe perfeito entre vida e obra, teoria e prática, em suas biografias compartilhadas: “Acompanhar-te, minha amiga, é dizer de uma experiência e uma história na qual se expressa uma coerência atraente e constante entre o passado e o presente, entre o dizer e o fazer, uma história pessoal inserida numa história social que a encerra e lhe capta o sentido na qual a filosofia, a psicanálise e a arte magnificamente se articulam. É dizer sobre uma atitude sempre aberta e crítica. Lucidez política, humana” (Fernandes, In: Pinheiro Machado, 2019, p. 245-247).

Sim, *humana demasiado humana*. Por isso, Olgária, por essa coerência, essa atitude e esse *páthos*, também eu, em meu próprio tempo, fui ao seu encontro. Aos trinta anos de idade, percorrendo o caminho de Zaratustra a contrapelo – como um palíndromo? –, deixei as montanhas e os belos horizontes em direção à “capital do Capital”. Ainda jovem, desassossegada e movida pelo desejo impetuoso de saborear, com gosto, o fruto proibido da árvore do conhecimento. Pouco a pouco, *obstinadamente*, eu me aproximaria da órbita de seu círculo de iniciados e amigos, atraída

pelo “brilho questionador” e pelo “tom inquietante” de suas pupilas e de suas palavras, que nunca se esquivaram de tatear, com as línguas e a linguagem, os temas delicados e as aporias insolúveis.

Assim, há mais de quinze anos, eu escolhi a filosofia – e encontrei você. Naquela época, sua figura despontava como a própria Estrela da Manhã, aureolada pelo dom – que confirmaria ser verdadeiro apenas com a convivência e o passar dos anos – de “fazer da realidade sua fonte de aprendizagem” sem nunca deixar de lutar “para que a fantasia não desapareça”.²⁷ Então, procurei você pelo amor à filosofia; mas também para saber quem eu era – ou poderia me tornar. E hoje, depois de tantos anos de aprendizado (*Lehrjahre*),²⁸ reitero minha escolha, com amor e gratidão multiplicados pelo tempo-do-agora (*Jetztzeit*), sem poder sequer imaginar minha *vida filosófica* – que, para mim, é a própria vida – sem você. Seja próxima ou distante, no ir e vir incessante do rio caudaloso de Heráclito, que tudo transforma, quero ter você sempre comigo. Louca e santa, boba e séria, criança e velha, divertidamente a me lembrar, com Oscar Wilde, que a normalidade não passa de “uma ilusão imbecil e estéril”.²⁹

Bibliografia

- Adorno, T.; Benjamin, W. (2012) *Correspondências, 1928-1940/Theodor Adorno, Walter Benjamin*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora UNESP.
- Agamben, G. (2009) *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos.
- Barthes, R. (2007) *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes.
- Benjamin, W. (1995) *Rua de mão única: Obras escolhidas II*. São Paulo: Brasiliense.

²⁷ Atribuído a Oscar Wilde. Disponível em: https://tvcultura.com.br/videos/54976_eu-escolho-meus-amigos-pela-pupila.html. Acesso em: 22/6/2022.

²⁸ Ver Goethe, 2006.

²⁹ “Escolho meus amigos não pela pele ou outro arquétipo qualquer, / mas pela pupila. / Tem que ter brilho questionador e tonalidade inquietante. / A mim não interessam os bons de espírito nem os maus de hábitos. / Fico com aqueles que fazem de mim louco e santo. / Deles não quero resposta, quero meu avesso. / Que me tragam dúvidas e angústias e aguentem o que há de pior em mim. / Para isso, só sendo louco. / Quero os santos, para que não duvidem das diferenças / e peçam perdão pelas injustiças. / Escolho meus amigos pela alma lavada e pela cara exposta. / Não quero só o ombro e o colo, quero também sua maior alegria. / Amigo que não ri junto, não sabe sofrer junto. / Meus amigos são todos assim: metade bobeira, metade seriedade. / Não quero risos previsíveis, nem choros piedosos. / Quero amigos sérios, daqueles que fazem da realidade sua fonte de aprendizagem, / mas lutam para que a fantasia não desapareça. / Não quero amigos adultos nem chatos. / Quero-os metade infância e outra metade velhice! / Crianças, para que não esqueçam o valor do vento no rosto; / e velhos, para que nunca tenham pressa. / Tenho amigos para saber quem eu sou. / Pois os vendo loucos e santos, bobos e sérios, crianças e velhos, / nunca me esquecerei de que ‘normalidade’ é uma ilusão imbecil e estéril”. Atribuído a Oscar Wilde. Disponível em: https://tvcultura.com.br/videos/54976_eu-escolho-meus-amigos-pela-pupila.html. Acesso em: 22/06/2022.

- _____. (2011) “A tarefa do tradutor”. In: *Escritos sobre mito e linguagem*. Trad. Susana Kampff Lages. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34.
- Bretas, A. (2013) *Do romance de artista à permanência da arte: Marcuse e as aporias da modernidade estética*. São Paulo: Annablume.
- _____. (2013) “Do deserto de gelo da abstração ao filosofar concreto: Correspondência Adorno-Benjamin (1928-1940)”. *Trans/Form/Ação*, vol. 36, n. 3. Marília, Set.-Dez.
- _____. (2017) *Fantasmagorias da modernidade: ensaios benjaminianos*. São Paulo: Ed. Unifesp.
- Carneiro, S. (s/d) “Olgária Chain Féres Matos: Biografia comentada”. *Revoluções*. Disponível em: <http://revolucoes.org.br/v1/curso/olgaria-matos>. Acesso em: 25/01/2019.
- Carson, A. (1998) *Eros the Bittersweet*. McLean: Dalkey Archive Press.
- Chauí, M. (2018) “Breve apresentação à Edição Brasileira”. In: Morin, E.; Lefort, C.; Castoriadis, C. *Maior de 68: A Brecha*. São Paulo: Autonomia literária, p. 218-219.
- Dionísio Longino. (2015) *Do sublime*. Trad. Marta Isabel de Oliveira Várzeas. Coimbra; São Paulo: Imprensa da Universidade de Coimbra; Annablume.
- Freud, S. (2006) “*Gradiva*” de W. Jensen e outros trabalhos (1906-1908). Rio de Janeiro: Imago.
- Goethe, J. W. (2006) *Os anos de aprendizado de Wilhem Meister*. São Paulo: Ed. 34.
- Heidegger, M. (1980) “Que é isto – A Filosofia?”. Trad. Ernildo Stein. In: *Os Pensadores – Heidegger*. São Paulo: Abril Cultural.
- Hemmings, C. (2011) *Why Stories Matter: The Political Grammar of Feminist Theory*. London: Duke Press.
- Homenagem às Professoras do Departamento de Filosofia da USP* (2019). Disponível em: <https://youtu.be/l5ZG7FXlkWY>. Acesso em: 15/01/2020.
- Marcuse, H. (2000) *Essay on Liberation*. Boston: Beacon Press.
- Matos, O. (1989) *Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia, a revolução*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1999) *A história viajante: notações filosóficas de Olgária Matos*. São Paulo: Studio Nobel.
- _____. (1999) “Ulisses e a razão insuficiente: geometria e melancolia”. In: *O iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (2001) “As Humanidades e sua crítica à razão abstrata”. In: Ribeiro, R. J. (org). *Humanidades: um novo curso na USP*. São Paulo: Edusp.
- _____. (2005) “Um surrealismo platônico”, in NOVAES, Adauto (org). *Poetas que pensaram o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

- _____. (2006) *Discretas esperanças: reflexões filosóficas sobre o mundo contemporâneo*. São Paulo: Nova Alexandria.
- _____. (2008) *Advinhas do tempo: êxtase e revolução*. São Paulo: Hucitec.
- _____. (2010) *Benjaminianas: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo*. São Paulo: Unesp.
- _____. (2018) *Palíndromos filosóficos: entre mito e história*. São Paulo: Ed. Unifesp.
- _____; Milan, D. (orgs.) (2010) *Gemas da Terra: Imaginação estética e hospitalidade*. São Paulo: Ed. Sesc.
- Nietzsche, F. (2003) *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Pinheiro Machado, F. (org.) (2019) *Dossiê Filosofia e philia: homenagem à Olgária Matos, arcana do inteiramente outro*. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/limiar/article/view/9771>. Acesso em 6/01/2020.
- Rimbaud, A. (1993) “Alquimia do verbo”. In: *Uma temporada no inferno & Iluminações*. Trad. Lêdo Ivo. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Safo. (2017) *Fragmentos completos*. Trad. Guilherme Gontijo Fontes. São Paulo: Ed. 34.
- Schwartz, J. (org.) (2013) *Almanaque O Cavaleiro Azul (Der Blaue Reiter)*. São Paulo: Edusp; Museu Lasar Segall, Ibram MinC.
- Silesius, A. (1991) *A rosa é sem porquê*. Lisboa: Vega.
- Souza, G. de M. (2019) *O espírito das roupas: a moda no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Tenório, L. (2019) “Olgária Matos entre mito e história”. *Cult*. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/olgaria-matos>. Acesso em: 14/01/2020.
- Whitman, W. (2015) *Folhas de Relva*. Trad. Rodrigo Garcia Lopes. São Paulo: Iluminuras.
- Wittig, M. (2019) *As guerrilheiras*. São Paulo: Ubu.